

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

UM SÉCULO DE PESSOA

**ENCONTRO INTERNACIONAL
DO CENTENÁRIO DE
FERNANDO PESSOA**

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Lisboa, 5-7 de Dezembro de 1988

Organização do volume: Isabel TAMEN
Capa e arranjo gráfico: Judite CÍLIA
Fotocomposição e montagem: TEXTYPE, Artes Gráficas, Lda.
Impressão: QUITÉRIO & FERREIRA, Artes Gráficas, Lda.
Depósito legal n.º 39 933/90

COMISSÃO DE HONRA

S.E. o Presidente da República, Doutor Mário Soares
S.E. o Primeiro-Ministro, Prof. Doutor Aníbal Cavaco e Silva
S.E. a Secretária de Estado da Cultura, Doutora Teresa Patrício Gouveia
Senhora Dona Henriqueta Madalena Nogueira Rosa Dias
Doutor José de Azeredo Perdigão
Sophia de Mello Breyner Andresen
António Ramos Rosa

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Eduardo Lourenço
(Comissário)
Dr. Vasco Graça Moura
(Presidente)
Prof. Arnaldo Saraiva
Prof. Eduardo Prado Coelho
Prof. Manuel Gusmão
Prof. Fernando Martinho
Prof.ª Teresa Rita Lopes
Dr.ª Silvina Rodrigues Lopes
(Vogais)
Dr.ª Isabel Tamen
(Secretária Executiva)

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	
Prof. Eduardo Lourenço	13
SESSÃO DE ABERTURA	
Discurso de Abertura do Presidente da República, Dr. Mário Soares	15
Discurso da Secretária de Estado da Cultura, Dr. ^a Teresa Gouveia	16
Saudação e Invocação Pessoaana ou Do Espírito destas Comemorações, Prof. Eduardo Lourenço	19
TEMA I	
LINGUÍSTICA E CRÍTICA TEXTUAL EM FERNANDO PESSOA	
El Paisaje, un Estado de Alma? Fernando Pessoa y Juan Ramón Jiménez, por Pilar Gomes Bedate	25
Um livro sonhado: <i>Arco de Triumpho</i> , de Álvaro de Campos, por Cleonice Berardinelli	28
Edição Crítica de Pessoa: o modelo editorial adoptado, por Ivo Castro	30
Sobre o Tédio da Vida no <i>Opiário</i> , por Joaquim-Francisco Coelho	40
Os Textos Linguísticos de Fernando Pessoa, por João Dionísio	45
As variantes e a sua «mise en page» na edição crítico-genética de Pessoa, por Giulia Lanciani	50
Filosofia e Poesia do Olhar, de Alberto Caeiro, por Óscar Lopes	56
Filologia vs Poesia? Eu defendo o «Dia Triunfal», por Luciana Stegagno Picchio	62
O problema da fixação do texto na obra de Fernando Pessoa, por Giuseppe Tavani	70
TEMA II	
A PROSA DE FICÇÃO EM FERNANDO PESSOA	
O poeta que perdeu as graças com as musas, por Álvaro Cardoso Gomes	75

A <i>Confissão de Lúcio</i> e <i>O livro do Desassossego</i> , por Paula Lidmilova	77
<i>O Barão de Teive</i> — ainda por conhecer, por Teresa Rita Lopes	79
O sentido fragmentário dos contos de Fernando Pessoa, por Carlos Felipe Moisés	82
Apontamentos sobre a Poética do Fragmento na prosa de Bernardo Soares, por Leyla Perrone Moisés	84
<i>O Livro do Desassossego</i> : Livro-caixa, Livro-sensação, por Massaud Moisés	87
<i>O Livro do Desassossego</i> , obra de ficção, por José Rodrigues de Paiva	90
Ficções do Livro, por Maria Alzira Seixo	93
Um exercício sobre o dualismo: Razão/Fantasia em <i>O Roubo da Quinta das Vinhas</i> de Fernando Pessoa, por Gersey Georgette Bergo Yahn	95

TEMA III

O PENSAMENTO DE FERNANDO PESSOA (FILÓSOFO, ESTÉTICO, ÉTICO E POLÍTICO)	
À margem de alguns textos políticos de Fernando Pessoa, por Carlos d'Alge . . .	103
O hedonismo impressionista de Alberto Caeiro segundo Ricardo Reis, por Fernando Alvarenga	105
La politique selon Fernando Pessoa, por Robert Bréchon	109
Vibrações ou convergência pessoana na poesia contemporânea, por Nelly Novaes Coelho	112
Perda do absoluto e ironia em Fernando Pessoa, por Lélia Parreira Duarte	117
O riso em Pessoa — que riso?, por Vergílio Ferreira	119
Mar português, mar pessoano, por Michael Freeman	125
Metafísica e heteronímia na obra de Fernando Pessoa, por José Gil	128
Bernardo Soares: a filosofia da indiferença, por Maria Luisa Guerra	130
Doutrina estética de Fernando Pessoa e o Imaginário Filosófico do nosso tempo, por Julia Cuervo Hewitt	132
Fernando Pessoa: a Translator's View, por Edwin Honig	135
Fernando Pessoa: heteronomia e império português, por Santiago Kovadloff . . .	138
O Drama do Ser em Fernando Pessoa, por Fábio Lucas	140
<i>Clown pobre e Clown rico</i> , por Agustina Bessa Luís	154
Mentira, fingimento e máscaras: alguns comentários sobre Oscar Wilde, W.B. Yeats e Fernando Pessoa, por Suzette Macedo	155
Fernando Pessoa, James Joyce e o Egipto, por Alfredo Margarido	158
Deconstruindo o <i>locus amoenus</i> : «não sei se é sonho, se realidade», por Bernard Mc Guirk	162
Fernando Pessoa ou la logique de la vibration, por Patrick Quillier	165
O trágico pessoano, por José Augusto Seabra	171
A presença de Coleridge na obra de Pessoa-Caeiro, por Alexandrino Severino . . .	175
Ética e política no pensamento exotérico do Anti-Camões, por Luís de Oliveira e Silva	177
Sobre o significado de «Elegia na Sombra», por João Rui de Sousa	181
A ideologia política de Fernando Pessoa: notas elementares, por Satoru Yabunaka	188

TEMA IV

RELIGIÃO E ESOTERISMO EM FERNANDO PESSOA

Pessoa e Verdade(s) ou a crítica do abuso de leituras herméticas, por Onésimo Teotónio de Almeida	195
Influxos teosóficos na lírica de Fernando Pessoa, por Leodegário Azevedo Filho .	203
Faust ou la Dramaturgie Essentielle de Pessoa, por Pierre Léglise-Costa	206
Fernando Pessoa au regard de la tradition, por André Coyné	209
Los últimos poemas ortónimos de Fernando Pessoa, por Ángel Crespo	215
O tabuleiro antigo, por Maria Helena Néry Garcez	219
Du jardin des fausses ruines à l'ubiquité de Fernando Pessoa, por Armand Guibert	225
Fernando Pessoa e o Messias: sobre a visão messiânica de Pessoa e o seu ideário político, por João Medina	229
O testamento da Arca: o Templo, por Pedro Teixeira da Mota	239
Os ardis do sagrado na poesia de Pessoa, por José Carlos Seabra Pereira	244
Dos mitos dos heterónimos aos heterónimos dos mitos, por António Quadros . . .	247
Rafael Baldaya, gnóstico?, por Javier Urdanibia	251

TEMA V

FERNANDO PESSOA E A CULTURA CONTEMPORÂNEA

1 — Fernando Pessoa e a Cultura do seu tempo	
As fúrias do colecionador. A invenção do tempo em Fernando Pessoa, por Ettore Finazzi-Agrò	257
Hubo intervención española en la vanguardia portuguesa?, por Pablo del Barco .	260
A Lisboa pessoana: plural e poética, por Beatriz Berrini	264
A geração de Fernando Pessoa, o cubismo e o futurismo, por Fernando Guimarães	271
Os 35 <i>Sonnets</i> : uma leitura de Shakespeare, por Yara Frateschi Vieira e Brian F. Head	276
Bernardo Soares e o Velho do Restelo, por Gilberto de Mello Kujawski	281
Nietzsche em Pessoa, por Georg Rudolf Lind	283
Fernando Pessoa, Victor Hugo e o pós-romantismo em Portugal, por Álvaro Manuel Machado	286
Cézanne e Caeiro: a ciência de ver, por Fernando Manuel Cabral Martins	292
Fernando Pessoa: <i>The Mad Fiddler</i> , Loucura ou Sabedoria?, por Amina di Munno	294
Ainda Pessoa, leitor de Horácio, por Américo Costa Ramalho	296
A ilha incontinente: o atlantismo de Walt Whitmann e Fernando Pessoa, por Maria Irene Ramalho de Sousa Santos	300
Pessoa e Almada no lugar de Eça, por José Sasportes	305
Entre vanguarda e subdesenvolvimento, por Regina Zilbermann	306
2 — Fernando Pessoa e as Mitologias do Século XX	
Pessoa: le cauchemar de la conscience, por Michel Chandeigne	315
El Viaje de Fernando Pessoa, por José-Angel Cilleruelo	317

A Mensagem, mito cosmogónico e soteriológico português, por Dalila Pereira da Costa	320
As rotas do fumo, por Silvina Rodrigues Lopes	322
Um Pessoa no meio do caminho, por F.B. Martinho	326
Vínculos de Álvaro de Campos com o futurismo russo e italiano, por Helena Ríausova	329

3 — Imaginário cultural do nosso tempo e Fernando Pessoa

Os três séculos de Pessoa, por E.M. de Melo e Castro	331
Não: tudo menos ter razão, por Almeida Faria	334
Um Estrangeiro na Terra, por Eugénio Lisboa	335
Investindo na Anarquia, por George Monteiro	338
Ricardo Reis, o heterónimo emigrado, por João Alves das Neves	341
L'usage de la naïveté chez Caéiro et Platonov, por Dominique Touati	345

SESSÃO DE ENCERRAMENTO, pelo Prof. Eduardo Lourenço	349
---	-----

ANEXOS

Lista de participantes	357
Programa e organização das sessões	363
A Imprensa e o Colóquio	367

APRESENTAÇÃO

Num prazo razoável para este género de acontecimentos, publicam-se aqui as contribuições relativas ao Encontro Internacional promovido em Lisboa de 5 a 7 de Dezembro de 1988, por ocasião do primeiro Centenário do nascimento de Fernando Pessoa.

Quem participa em manifestações culturais análogas encontra-se sempre na situação de Fabrice del Dongo em plena batalha de Waterloo: está no meio dela e não assiste a mais do que episódios sem aparente conexão e sentido. O Encontro, feito de variadas comunicações, submetido a temáticas específicas compartimentadas no tempo e no espaço, só agora pode adquirir a sua unidade subjacente e, esperamos-lo, alcançar aquela perenidade que a dispersão coloquial não consente. O que teve de imprevisível, em particular o diálogo por ocasião das mesas redondas, só encontrará aqui um pálido reflexo. Mas fica o resto, o essencial, os inúmeros textos com que os pessoanos de tantos países quiseram homenagear e aprofundar a sua visão da obra de Fernando Pessoa. Para todos eles, o sincero reconhecimento da Comissão Executiva deste Encontro.

Por ocasião da publicação destas Actas, cumpre-me agradecer a todas as entidades e personalidades que tornaram possível este Encontro e contribuíram para a sua realização e sucesso. Antes de mais à Secretaria de Estado da Cultura, sua promotora, na pessoa da Senhora Doutora Teresa Patrício Gouveia, e igualmente patrocinadora desta publicação.

É com particular reconhecimento que agradeço ao Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Doutor José de Azeredo Perdigão, o extremo favor de ter posto à disposição dos congressistas as instalações da Fundação onde o Encontro teve lugar. À Unysis e ao seu Presidente, Senhor Carlos Coelho, agradeço, assim como à TAP e ao seu Presidente, Senhor Doutor João Lencastre, à Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e ao Instituto Alemão em Lisboa, a participação valiosa e o concurso que prestaram à vinda de numerosos congressistas.

Por último, é-me grato saudar e agradecer aos membros da Comissão Executiva que se responsabilizaram por este Encontro, Doutor Vasco Graça Moura, Professor Doutor Arnaldo Saraiva, Professor Doutor Eduardo Prado Coelho, Professora Doutora Teresa Rita Lopes, Professor Doutor Manuel Gusmão, Doutor Fernando B. Martinho e Doutora Silvina Rodrigues Lopes, sem esquecer a Senhora Doutora Isabel Tamen, secretária executiva e responsável pela organização técnica do Encontro, assim como as suas assessoras, Doutora Luísa Freire e Senhora Dona Pilar Paes.

Lisboa, 17 de Abril de 1989

Eduardo Lourenço

V.1. FERNANDO PESSOA E A CULTURA DO SEU TEMPO

AS «FÚRIAS DO COLECCIONADOR»

A INVENÇÃO DO TEMPO EM FERNANDO PESSOA

Ettore Finazzi-Agrò
(Universidade de Roma «La Sapienza»)
Itália

Pessoa conhece o poder do Tempo, o tempo que não se pode deter, ou comprimir; aquele tempo contínuo, banal, que devora tudo, que tudo entrega ao esquecimento, ao obscuro domínio dum passado indistinto, em que os objectos perdem os seus contornos, em que as coisas já não têm limite nem sentido.

Pessoa foi, de facto, um habitante desse tempo anónimo, uma vítima desse dia-a-dia que faz da repetição dos gestos a salvação extrema do indivíduo: inquilino desconhecido duma História de outrem, humilde empregado de firmas que tratavam de prazos de entrega, de escritórios em que o tempo era uma mercadoria perecível. Mas ele foi, por outro lado, também o exacto contrário disto: um incansável construtor de tempos, um inexausto criador de temporalidades imaginárias. É este Pessoa *cronoteta*, este heróico artífice de um tempo inventado contra o fluxo do tempo comum, contra a monotonia do «sempre-igual», que é o objecto da presente comunicação.

Já tentei, noutra lugar, ler a obra pessoana em termos topológicos e agora resta-me indagar a sua arquitectura temporal; impõe-se, com efeito, uma leitura cronológica desse enredo poético, desse emaranhado escritural que Pessoa projectou. Porque, talvez, o maior legado que o escritor deixou à posteridade seja precisamente essa tentativa desesperada, patética, de redenção do tempo do seu ser tempo, isto é, do seu ser sequência ininterrupta de acontecimentos que nos transcendem, que não conseguimos controlar visto sermos instrumentos passivos de uma História alheia.

É certo que, nessa perspectiva, o que ele tentou conseguir foi, em última análise, uma paragem do tempo, uma suspensão — se bem que fictícia — do seu curso, quebrando a cadeia do «antes» e do «depois», delimitando (como magistralmente afirmou Eduardo Lourenço) um «espaço intrinsecamente paralisado». Mas não foi só isso o que ele planeou, não foi só a postulação duma *epoché*: foi mais do que isso, foi a tentativa de vencer (ou de exorcizar) o tempo secundando-o, de mergulhar no fluxo temporal para reencontrar, na sua superfície ou no seu abismo, uma hipótese de salvação, um Tempo cheio de todos os tempos — dimensão completa e, por isso mesmo, fatalmente complexa, em que a imobilidade é o produto paradoxal duma dinamização absoluta, o resultado da coexistência de todos os movimentos possíveis.

Nesse sentido, não me ocorre outro exemplo mais iluminante, para descrever a atitude de Pessoa, do que a imagem temporal ilustrada no *Jardim de senderos que se bifurcan* de Jorge Luís Borges. Neste fulgurante apólogo — como se sabe — a personagem de Ts'ui Pen tenta, durante toda a vida, construir um Livro em que não haja uma acção linear, mas sim a presença contemporânea de todas as possibilidades de acção. Ele, de facto, «no creía en un tiempo uniforme, absoluto. Creía en infinitas series de tiempos, en una red creciente y vertiginosa de tiempos divergentes, convergentes y paralelos. Esa trama de tiempos que se aproximan, se bifurcan, se cortan o que secularmente se ignoran, abarca *todas* las posibilidades».

Ora, é exactamente esse o Livro que Pessoa também tentou escrever: uma obra em que os heterónimos realizassem *todas* as possibilidades existenciais, todos os possíveis tempos que a linearidade da vida real teria, obrigatoriamente, excluído. Dispersão da Identidade, portanto, fragmentação do Indivíduo que depende duma fragmentação da História numa série inumerável de histórias, todas possíveis, todas inventadas, e, ao mesmo tempo, todas efectivas, todas reais — daquela realidade que só a escrita permite.

Dispersão utopicamente definida, repare-se, divisão de Si mesmo que visa, todavia, a recomposição numa Identidade superior e completa: meta impossível e absoluta, colocada num «Outro Tempo», num Tempo para além dos tempos, que deveria ser o fruto dum cruzamento de todas as possibilidades temporais exploradas através dos heterónimos. E é desse desenho «absurdo» que resulta, por exemplo, a imagem do «Homem Completo» que surge no *Ultimatum*:

«Para o auto-sentimento cristão, o homem mais perfeito é o que com mais verdade possa dizer «eu sou eu»; para a ciência, o homem mais perfeito é o que com mais justiça possa dizer 'eu sou todos os outros'».

A ciência, a «gaia-ciência» é, portanto, para Pessoa (como já o tinha sido para Nietzsche), este reencontrar na heterogeneidade do Eu, na sua incoerência, uma outra e superior homogeneidade, uma perfeição nova e, ao mesmo tempo, antiga — isto é, mesmo etimologicamente, *per-feita*:

«Para o auto-sentimento cristão, o homem mais perfeito é o mais coerente consigo próprio; para o homem de ciência, o mais perfeito é o mais incoerente consigo próprio».

«Lá onde a alma se pretende unificar, lá onde o Eu se inventa uma identidade e uma coerência, o genealogista parte à procura do início, dos inúmeros incícios»: assim escreveu Foucault a propósito de Nietzsche. Pessoa seria, então, também ele «genealogista»? Estaria também ele à procura duma *Ursprung* que, como argumentava o filósofo alemão, não é reinterpretação dum destino, mas sim a conservação de «o que aconteceu na dispersão que lhe é própria»? Sim, talvez — mais confusamente, claro, mas com igual consciência da necessidade duma «Outra História», vista não como *processo*, mas antes como constante *excesso*: uma história, enfim, que não assentasse na selecção e no desenvolvimento, mas sim no desvio contínuo, na saída da estrada marcada, na busca do eventual perseguido na selva do tempo, dentro e através da «trivialidade» do real.

Arqueologia portanto (outro termo de cunho nietzscheano): regressão a um tempo censurado pela História (pense-se só na figura de Ricardo Reis, estóico-epicurista contra a prevalência da lógica platónico-aristotélica, monárquico numa época republicana, classicista em tempos de modernismo, voluntariamente distante, *algures* em relação ao seu país). Procura, mais ainda, por parte do escritor dos «lugares alternativos» contra o domínio do «lugar comum»: espaços e tempos em que a história, a memória, o passado, enfim, se «inventam» — isto é, se *in-venit*, se «encontra» ou (ou «re-encontra») como presente, na sua pluralidade e na sua fragmentação:

«Como o presente é antiquíssimo, porque tudo, quando existiu, foi presente, eu tenho para as cousas, porque pertencem ao presente, carinhos de antiquário, e fúrias de colleccionador precedido para quem me tira os meus erros sobre as cousas com plausíveis, e até verdadeiras, explicações científicas e baseadas. As várias posições que uma borboleta que vôa occupa successivamente no espaço são aos meus olhos maravilhados varias cousas que ficam no espaço visivelmente».

É um passo, este, tirado do *Livro do Desassossego* (fragmento 319) que acho fundamental para a compreensão da atitude temporal de Pessoa, já que exprime de modo lúcido esse sentido de re-invenção de dimensões não contínuas, antes discretas, parcelares, dentro duma visão «excessiva», sempre extravagante, isto é, «vagante fora» das linhas ou dos percursos estabelecidos. Quero dizer: a uma História considerada como acumulação de tempo, contrapõe-se uma história como dispersão de tempos — história não funcional, não rectilínea, mas, pelo contrário, vista como sequência, divagante, continuamente interrupta, de momentos desnecessários e, mesmo assim, «vitais».

E o tempo pessoal é, coerentemente, marcado, como o vôo da borboleta, por conjunturas diversas, por «várias posições» que acabam por se apresentar, ao poeta «maravilhado», como «várias cousas» destinadas a ficar nos sentidos, a gravar-se na memória como factos singulares, únicos. A vida compõe-se desses estilhaços de existência, é, mais ainda, um feixe de percursos e/ou de vidas que desdizem a continuidade do Eu histórico e que se têm de percorrer até ao infinito. «Não evoluo, viajo», afirma a certa altura Pessoa, e nessa afirmação podemos ler justamente a negação de qualquer «processo», de qualquer selecção ou causalidade, em prol duma História «por etapas», por lugares e tempos cada vez únicos e, por isso mesmo, não submetidos a *uma* meta, mas antes pontos eventuais de partida para outras viagens, para outros itinerários de que não se pode, de antemão, conhecer a meta.

Negar, portanto, a continuidade espaço-temporal para recriar uma história fragmentada, metafórica, «museológica», se por museu entendermos a dimensão em que se confere homogeneidade a objectos que se *entre-têm*. na sua heterogeneidade — um conjunto em que as várias partes se compõem, continuando, mesmo assim, partes independentes. Pessoa, enfim, conservador desse museu ou, melhor, colleccionador à Benjamin que, no fluxo temporal, isola instantes, «sensações mínimas», «cousas pequeníssimas» fixadas na sua sucessão descontínua e dotadas duma materialidade, duma autonomia, duma história próprias — objectos que se têm de coligar «furiosamente», na perspectiva duma recomposição eventual, duma história utopicamente completa, duma lógica sempre futura e inacessível.

A leitura de Pessoa reduzir-se-á à visita espantada desse museu caótico, feito de galerias que se entrecruzam, se bifurcam ou que correm paralelas; uma leitura que se torna, por isso, percurso errático entre os infinitos instantes em que se sedimenta — em que se

coisifica — o tempo: coágulos momentáneos, «átimos de trivialidade» em que provisoriamente convergem as sendas da história. E a cronografia pessoana inscrita no seu Livro torna-se assim, tal como a obra projectada por Ts'ui Pen, uma emaranhada coleção de tempos contraditórios em que o leitor — como já, antes dele, o seu artífice — está fatalmente destinado a perder-se: «un laberinto de símbolos», «un invisible laberinto de tiempos».

¿HUBO INTERVENCIÓN ESPAÑOLA EN LA VANGUARDIA PORTUGUESA?

Pablo del Barco
(Faculdade de Filologia/
Universidade de Sevilha)
Espanha

1. El tiempo en los dos Modernismos ibéricos

El pensador español José Ortega y Gasset (1883-1955), teorizador sobre el arte y la espiritualidad española de la época¹, anunciaba en el prólogo al libro de José Moreno Villa (1887-1955) *El pasajero* (Madrid, 1914), la terminación del Modernismo literario español. Antes, en 1911, uno de los paladines de este movimiento en España, Manuel Machado, consideraba el Modernismo «ropa vieja», algo ya en desuso, sólo para repetidores sin alma². Moreno Villa era, con Mauricio Bacarisse (1895-1931) y Cansinos-Asséns (1883-1964), entre otros, representante de una nueva poesía, de tipo intelectualista, claramente innovadora, que se definiría más tarde en el movimiento del Ultra (el ultraísmo). En esta época también nacía en Madrid Ramón Gómez de la Serna (1891-1962), el más singular — y solitario — de nuestros renovadores literarios.

Las coincidencias entre el llamado Modernismo español y el portugués tienen de común el nombre, de diferenciador la fecha. Pero hay algo en lo que podríamos establecer la coincidencia: el voluntarismo renovador del lenguaje. El Modernismo español mantuvo escasas ligazones con niveles de valor intelectual, la nefasta situación histórica de finales de siglo era asumida, con mayor profundidad, por los coetáneos escritores de la llamada generación del 98; la problemática americana estaba reciente, la pérdida de las últimas colonias hispanoamericanas era el aglutinador y el nominador de la generación.

Estética decadente, ampulosa, barroca, sensual, caracterizaba a los modernistas españoles, patroneados por el nicaraguense Ruben Darío, frente al dogmatismo, el «librismo» que definía a la otra media España preocupada por su futuro sin colonias americanas. La España menos aparentemente consciente de la situación histórica aceptaba como fórmula de escape aquella renovación de los modernistas, como un oportuno propósito de decir y decidir en la forma de la forma, frente al formalismo duro y utilitario de los noventayochistas.

Pero la mirada de algunos españoles estaba atenta desde muy temprano a lo que ocurría en Europa. Pablo Ruiz Picasso combatía en las artes plásticas desde 1908 en un voluntarismo

innovador que le llevaría al cubismo, en pleno apogeo hacia 1913. No se complacía en el fantasma de la pérdida colonial. En 1909 Ramón Gómez de la Serna presentaba el Futurismo de Marinetti en Madrid, pocas fechas después del anuncio del movimiento a través de *Le Figaro* (París, 22 de febrero de 1909). En 1917 el universo literario de Madrid está revolucionado por los poetas del Ultra, que desde 1914-1915 se asomaban a la nueva literatura. Picasso abandonaba a sus seguidores cubistas en 1915, pintando retratos realistas a la manera de Ingres, algo de vuelta de su revolución pictórica. Era el momento en literatura de adhesiones no calificadas: todo lo que no era rubendarismo era «ultraísmo». Algunos se significaron especialmente: Isaac del Vando Villar, Rafael Lasso de la Vega, junto a otros más callados pero no de menor interés (Adriano del Valle, Rogelio Buendía, Corpus Barga, etc...) Pero, por encima de todos ellos, sobresalía la figura inigualable de Ramón Gómez de la Serna.

De 1915 data su *Primera Proclama del Pombo*, calificado como «petardo subversivo» para la época. Era un manifiesto más de radical renovación literaria que Ramón crea y defiende de manera fervorosamente individual. Este mismo año Ramón viaja a Portugal por primera vez y, como él mismo dice, «vengo sigilosamente a Portugal y me oculto para trabajar en sus rincones serenos desde los que también vengo a ver en perspectiva España»³. Luego se establecería en Portugal, entre 1921 y 1927, con un notable fruto, la novela *La quinta de Palmyra* (1923), considerada como novela de vanguardia en la literatura española.

Pudo Gómez de la Serna haber intervenido — porque era de carácter inventor e interventor —, haber dejado su impronta en la literatura portuguesa de la época. Es extraño que quien creó y mantuvo en Madrid la «sagrada cripta del Pombo» como capilla de la más avanzada posición literaria, por la que desfilaron cuantos algo tenían que decir de nuevo, pasara inadvertido en el ambiente literario lusitano. En su *Automoribundia*⁴ da nota Ramón en su primer viaje de un Portugal aislado, desconectado de Europa y de América; cita varias veces a los poetas «novos» modernistas sin entrar en cuestiones teóricas sobre sus producciones.

2. Las revistas literarias de Portugal y el tema de España

La publicación pródiga de revistas literarias en Portugal nos habla, mejor que ningún otro elemento, de la voluntariedad renovadora de sus escritores. y es aquí donde tendríamos que encontrar datos sobre una posible intervención española, en el tema o en la actitud de sus escritores.

ORPHEU ofrece poco material; apenas en el número 2 encontramos una referencia a España, en el poema «Manucure»,⁵ de Sá Carneiro:

«FRÁGIL! FRÁGIL!
843 — AG LISBON
492 — WR MADRID»

¿Pudo ser ésta una referencia a un pretendido eje cultural ibérico, que más tarde sugeriría una polémica en torno al paniberismo?

Las revistas que siguen a ORPHEU, EXILIO Y CENTAURO, ambas de 1916, no acojen tema ni autores españoles. Tampoco PORTUGAL FUTURISTA (1917). Hay que esperar hasta CONTEMPORÁNEA (1922-1926) para encontrar referencias sobre España.